

TÃO  
LONGE  
TÃO  
PERTO:  
a Ibero-América e a Europa Ilustrada



Durante três séculos os jesuítas se distinguiram por seus diversos afazeres e também por escrever sobre o que faziam e o que pensavam. Escreviam para influenciar a Igreja e a cristandade e a profusão de sua escrita levou a que a que boa parte do que se pensava da Companhia de Jesus era gerado pelo que os jesuítas escreviam ou seus amigos e inimigos escreviam sobre eles. Formados no seu “modo de proceder” desde o noviciado para ser obedientes dentro da ordem, eram também treinados desde cedo na arte da retórica para defender suas idéias, a Igreja e a Companhia dos ataques de seus detratores. Além de abordar nos seus livros os mais diversos campos de saber, os escritos dos jesuítas fizeram com que muitas partes do globo, em particular o chamado Novo Mundo, o Japão e a China, fossem conhecidos pelos leitores europeus, por vezes até chegar aos detalhes. Na circulação de informações entre muitas regiões da América como Canadá, Paraguai e o Rio Amazonas, e os leitores europeus dos séculos XVI, XVII e XVIII, os escritos dos jesuítas eram os trilhos pelos que transitavam informações e imaginários sobre a natureza e os habitantes do continente. Não foram poucas a vezes que, nos embates da colônia e da metrópole, o que os jesuítas faziam e escreviam, com descrição ou com ardor, provocava intensas polêmicas, que atravessaram séculos e avançaram até o final do XVIII com a ordem já extinta.

Beatriz Helena Domingues

M | ☆

TÃO LONGE TÃO PERTO: a Ibero-América e a Europa Ilustrada

Beatriz Helena Domingues

É muito difícil tecer qualquer consideração sobre uma obra que tenha, como tema, as relações estabelecidas entre os jesuítas e o Novo Mundo, sem começar destacando a ousadia necessária para enfrentar uma matéria tão exaustivamente presente em nossa historiografia.

Bia Domingues aceita este desafio e o conduz de maneira admirável. Em “Tão longe, tão perto: a Ibero-américa e a Europa ilustrada”, a partir da cuidadosa seleção de um conjunto de textos da segunda metade do XVIII, a autora discute a participação dos inicianos em uma série de questões que diziam respeito à geografia e história natural, mas não apenas a isto...

De acordo com ela, a contenda que costumamos chamar de “A Polêmica da América”, contribuiu para que se delineasse o despertar de um americanismo e de uma incipiente consciência de identidade nos territórios coloniais ibéricos. Se, para desenvolver suas idéias, Beatriz teve que de novo ousar, ajuizando sobre as “ilustrações” numa perspectiva plural, múltiplos são também os méritos que devem ser reconhecidos neste livro precioso que ela oferece ao público leitor.

Maria Cristina Bohn Martins  
Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS

A imagem da caravela singrando um mar revolto que ilustra a capa de “Tão longe, tão perto: a Ibero-américa e a Europa ilustrada” remete para o desafio assumido por Bia Domingues ao abordar a “Polêmica do Novo Mundo”, tema controverso e caro à historiografia europeia e americana. Conjugando ousadia e conhecimento, a historiadora da Universidade Federal de Juiz de Fora desvela e dimensiona a recepção e a contestação das teses da Ilustração sobre a América, através da análise de sínteses históricas produzidas ao final do século XVIII por missionários jesuítas exilados. O rigor e a sofisticação teórica da análise se evidenciam no bem sucedido exercício comparativo entre as narrativas selecionadas, na discussão em torno das bases filosófico-morais que as fundamentaram e na reflexão sobre as implicações das idéias de defesa do continente americano para as *tomadas de consciência do viver em colônia*, sobretudo, na América espanhola. Coerente com seu provocativo título, a obra nos instiga a refletir sobre a circulação das idéias ilustradas entre a Europa e a Ibero-américa no século XVIII, sobre sua reelaboração e seus efeitos na *Escrita da História da América*.

Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck  
Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS



Mesmo assim, nos cárceres de Portugal, no exílio na Inglaterra ou na Itália exercendo as mais variadas ocupações ou nas diversas lutas desse conturbado tempo, os agora ex-jesuítas seguiram escrevendo e polemizando, travando uma batalha por uma memória positiva da Companhia de Jesus e mostrando que a temporalidade jesuíta era maior que a instituição que a tinha gerado.

É sobre alguns desses jesuítas, escritos e polêmicas, e do papel que eles cumpriram na formação do despertar do americanismo no século XVIII, que trata este belo livro de Beatriz Domingues. Com erudição a respeito da produção escrita dos jesuítas e com rigor documental e analítico que distancia sua pesquisa da simples admiração ou apologia da Companhia de Jesus, a autora insere aqui tanto os jesuítas provenientes de América hispânica como os da América portuguesa no fluxo da Ilustração Católica e nos diálogos travados com a Ilustração europeia. Nesta instigante inserção, ela recupera o significado de autores como João Daniel para o aparecimento de uma consciência da individualidade brasileira.

Fernando Londoño